



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**CLEIDIANE CARDOSO DA SILVA**

**BRINCADEIRAS DE MENINOS E MENINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A**  
**ÓTICA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO**

**MIRACEMA DO TOCANTINS, TO**  
**2016**

**Cleidiane Cardoso da Silva**

**Brincadeiras entre meninos e meninas na educação infantil sob a ótica das relações de gênero**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Viviane Drumond

Miracema do Tocantins, TO

2016

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- S586b Silva, Cleidiane Cardoso da.  
Brincadeiras entre meninos e meninas na educação infantil sob a ótica das relações de gênero. / Cleidiane Cardoso da Silva. – Miracema, TO, 2016.  
45 f.  
  
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2016.  
Orientadora : Viviane Drumond  
  
1. Educação infantil. 2. Relações de gênero. 3. Meninos e meninas. 4. Brincadeiras. I. Título

**CDD 370**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

CLEIDIANE CARDOSO DA SILVA

BRINCADEIRAS ENTRE MENINOS E MENINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A  
ÓTICA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como  
requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada  
pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal do  
Tocantins.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Viviane Drumond

Data de aprovação: / /

Banca examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Viviane Drumond, orientadora, UFT.

---

Prof. Dr. Ruhena Kleber Abraão Ferreira, examinador, UFT.

---

Profa. Dr. Vanda Micheli Burginski, examinadora, UFT

Dedico a conquista dessa vitória a Deus, por dar-me a vida e saúde; aos meus irmãos e, ao meu filho. E em especial aos meus pais que me incentivaram em todos os momentos. Amo todos vocês!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar presente em todos os momentos de minha vida e por nunca ter me deixado desamparada nas dificuldades.

Á minha família pelo apoio constante nesta jornada e pela compreensão e carinho nos muitos momentos de ausência.

Ao meu pequeno filho pela compreensão nos momentos de cansaço e angústia, e pela ausência nos dias em que tive que deixar você para estudar; você me fez seguir em frente e por você cheguei até aqui.

Aos meus familiares por fazerem parte consciente ou sem perceber, de toda esta história. Encorajando nos momentos de desânimo e alegrando nas vitórias e conquistas.

Ao meu namorado que também teve ternura nos dias que me encontrava ausente na elaboração deste trabalho, mesmo assim sempre demonstrou sua compreensão e carinho.

A minha amiga Ynoan que divide comigo todos os medos e ansiedades. Que ela divida todo o mérito desta conquista, pois nos altos e baixos ela sempre está no meu caminho.

Aos colegas de curso pelas experiências compartilhadas e pelo companheirismo durante essa nossa caminhada.

Aos professores que aceitaram fazer parte da banca Examinadora, tornando, assim, esse momento repleto de aprendizagem, trocas e enriquecimento á minha pesquisa.

Aos meus professores e a todos que trabalham na UFT, minha gratidão, que pelo resultado de um esforço comum repartiram comigo os seus conhecimentos, transformando meus ideais em realizações.

Á Direção e as professoras da escola pesquisada, que muito contribuíram na realização desta pesquisa.

Um agradecimento especial á minha orientadora Viviane Drumond, que sempre esteve pronta a me atender, não somente como orientadora, mas como parceira, companheira, de forma carinhosa, respeitando e valorizando meus conhecimentos e despertando outros. Ser sua orientanda me instigou o desejo de querer mais, ir à busca de novos horizontes. Obrigada por dividir seus conhecimentos comigo. Foi enaltecido conviver com você todo esse tempo.

Educai as crianças, para que não seja  
necessário punir os adultos.

*Pitágoras*

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso, intitulado “Brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil sob a ótica das relações de gênero”, teve como objetivo investigar como se dão as relações de gênero entre as crianças, e entre adulto e criança, no cotidiano de uma Escola Municipal de Educação Infantil. Utilizamos o gênero como categoria de análise para compreender as relações entre meninos e meninas nas brincadeiras infantis em espaços de Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, que teve a observação como instrumento de coleta de dados. O caderno de campo da pesquisadora foi utilizado para o registro das observações. Foi realizada, também, uma pesquisa bibliográfica, com o intuito de fundamentar as reflexões apresentadas. Percebi durante as observações realizadas que a escola de Educação Infantil reproduz no seu cotidiano as relações de gênero presente na sociedade. Embora, muitas vezes, as crianças transgridam as fronteiras impostas pelos adultos, mostrando que outras formas de convivência são possíveis. Mas, de um modo geral, a escola, não se apresenta como um espaço plural no qual há uma problematização e superação dos processos de discriminação, e sim como um espaço gerador e reprodutor de uma educação sexista.

**Palavras-chave:** Educação infantil. Relações de gênero. Meninos e meninas. Brincadeiras.



## **ABSTRACT**

This final project, entitled "Boys' and Girls' Play in Early Childhood Education from the Perspective of Gender Relations," aimed to investigate how gender relations between children, and between adults and children, occur in the daily life of a Municipal Early Childhood Education School. We used gender as a category of analysis to understand the relationships between boys and girls in children's play in Early Childhood Education settings. This is a qualitative, ethnographic study, using observation as the data collection tool. The researcher's field notebook was used to record the observations. A bibliographical search was also conducted to support the reflections presented. During the observations, I realized that Early Childhood Education schools reproduce the gender relations present in society in their daily lives. Although children often transgress the boundaries imposed by adults, this demonstrates that other forms of coexistence are possible. But, generally speaking, school does not present itself as a plural space where discrimination is problematized and overcome, but rather as a space that generates and reproduces a sexist education.

**Keywords:** Early childhood education. Gender relations. Boys and girls. Games.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
	<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>O Conceito de Gênero e as Pesquisas Educacionais .....</b>	<b>12</b>
<b>2.2</b>	<b>As Relações de Gênero na Educação Infantil.....</b>	<b>15</b>
	<b>CAPÍTULO II .....</b>	<b>20</b>
<b>3</b>	<b>AS RELAÇÕES ENTRE AS CRIANÇAS: AS BRINCADEIRAS DE MENINOS E MENINAS.....</b>	<b>20</b>
<b>3.1</b>	<b>As Relações Entre as Crianças.....</b>	<b>20</b>
<b>3.2</b>	<b>As Brincadeiras de Meninos e Meninas .....</b>	<b>23</b>
	<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>27</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA DA PESQUISA .....</b>	<b>27</b>
	<b>CAPÍTULO IV .....</b>	<b>31</b>
<b>5</b>	<b>AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL .....</b>	<b>31</b>
<b>5.1</b>	<b>As Relações de Gênero Entre Professoras e Crianças .....</b>	<b>31</b>
<b>5.2</b>	<b>As Relações de Gênero Entre Meninos e Meninas.....</b>	<b>34</b>
<b>5.3</b>	<b>As Relações de Gênero nas Brincadeiras Infantis.....</b>	<b>37</b>
<b>5.4</b>	<b>As Relações de Gênero na Organização do Trabalho Pedagógico na Educação Infantil.....</b>	<b>39</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
	<b>REFERENCIAS .....</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O referido texto traz reflexões sobre as brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil sob a ótica das relações de gênero, de forma a contribuir com as discussões nos cursos de formação de professores, que sejam capazes de entender a importância das relações de gênero na Educação Infantil.

Utilizamos o gênero como categoria de análise para compreender as relações entre meninos e meninas, nas brincadeiras infantis, em espaços de Educação Infantil, visto que “a utilização do gênero como categoria de análise implica em conhecer, saber mais sobre as diferenças sexuais. Compreender como são produzidas pelas culturas e sociedades nas relações entre homens e mulheres” (FINCO, 2010, p.126).

Este trabalho teve como finalidade observar e analisar como os professores da Educação Infantil se posicionam em relação às questões de gênero no espaço escolar. Verificando se o modo como se posicionam, interferem ou não, na construção da identidade das crianças. Será também um dos focos da pesquisa, observar como meninos e meninas se relacionam nos momentos das brincadeiras na Educação Infantil.

Mesmo depois de relatar a escassez na quantidade de teóricos que discutem essa temática, optamos por pesquisar sobre as relações de gênero, visto ser esta uma questão atual e importante na discussão sobre as práticas escolares para a construção de uma sociedade menos desigual e mais democrática.

Nessa perspectiva, pretendemos com este estudo, aprofundar a questão, buscando contribuir com reflexões pertinentes em relação às práticas educativas e metodológicas referentes à formação de uma educação, livre de atitudes e pensamentos preconceituosos, ao passo que a escola é corresponsável pela compreensão das relações de gênero na sociedade.

Desde que nascem, as crianças são rotuladas quanto seu gênero, seja pelos seus brinquedos, seja pelo uso de determinadas cores. A realidade em que vivem e as relações que se desenvolvem, sutilmente, influenciam na edificação da personalidade da criança. As brincadeiras também são formas de estimular a convivência de ambos os sexos, mas diversas vezes a sociedade impõe a divisão entre brincadeiras de meninos e meninas.

Nos dias atuais, podemos notar a grande falta de conhecimento dos profissionais da educação no que diz respeito à sexualidade e gênero. Com isso, a existência da dicotomia de gêneros em nossa sociedade é notável, transparecendo na maioria das vezes a ideia de que a divisão entre o feminino e o masculino seria algo natural, pré-determinado.

Quanto à abordagem sobre identidade de gênero na Educação Infantil, entendemos que é necessário inicialmente explicitarmos o que entendemos por esta expressão, para posteriormente seguirmos nossa reflexão sobre o papel da escola na construção do gênero.

Meyer (apud BÍSCARO, 2009, p. 32) relata que:

O conceito de gênero enfatiza a pluralidade e conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos, torna-se necessário admitir que isso se expressa pela articulação de gênero com outras “marcas” sociais, tais como classe, raça, etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade. É necessário admitir também que cada uma dessas articulações produz modificações importantes nas formas pelas quais as feminilidades ou as masculinidades são, ou podem ser vividas e experienciadas por grupos diversos, dentro dos mesmos grupos ou ainda, pelos mesmos indivíduos, em diferentes momentos de sua vida. (MEYER apud BÍSCARO, 2009, p. 32).

Aprendemos como sermos homens e mulheres ao longo de nossas vidas, seguindo nossa sociedade e até mesmo a nossa cultura. Como se comportar, o que vestir, como falar, do que brincar, o que preferir, as opções são diferentes para os homens e mulheres. Esse processo de socialização de gênero se inicia na infância, é introduzido de forma sutil nas crianças, em vários momentos.

A opção pela pesquisa qualitativa de cunho etnográfico configurou-se por vários aspectos, entre eles pelo “seu potencial de contribuição aos problemas da prática educacional”. (ANDRÉ apud BÍSCARO, 2009, p. 11). Além disso, esse tipo de pesquisa me instigou por ter como um de seus princípios a flexibilidade e a sensibilidade, pois segundo Bísvaro (2009) o pesquisador precisa usar de sua sensibilidade durante todo o processo de coleta de dados, pois, neste momento, sua atenção deve ser constante para poder observar não só o que está ali diante dos seus olhos, mas para conseguir enxergar todo o contexto pesquisado.

A pesquisa utilizou de instrumentos como: a observação na Escola de Educação Infantil e o registro no Diário de Campo.

Para atingir os objetivos, pautei-me em vários autores (as), dentre os quais ressalto: Finco (2003, 2007, 2008, 2010, 2011), Belotti (1983), Bísvaro (2009), Corsaro (2005), Dermartini (2011), Faria (1999), Freire (2012), Muller (2005), Louro (1997), Prado (1999), Santos (2009, 2010), Sayão (2006), Viana; Finco (2009).

Este trabalho foi organizado em quatro capítulos, sendo, no entanto, constituída e articulada em conjunto, na qual as partes não são vistas isoladamente, estando divididas, mas formam um todo, tendo como finalidade sua incorporação para uma proposta de qualidade textual.

A elaboração do texto aconteceu em forma de diálogo entre as leituras realizadas, meu posicionamento, a fala da professora e das crianças. Assim buscou-se realizar através das falas durante todo o período de observação, uma associação entre teoria e a prática, tornando possível à pesquisadora, um entendimento minucioso sobre como os professores/as da Educação Infantil, se posicionam em relação às questões de gênero no espaço escolar. Verificando se o modo como se posicionam, interfere ou não, na construção da identidade das crianças, durante as brincadeiras.

No primeiro capítulo, “As relações de gênero e a Educação Infantil”, abordei o conceito de gênero nas pesquisas educacionais, a partir de estudos realizados por autores que discutem o conceito de gênero na área da educação. Também discuto como as práticas dos/as profissionais da Educação Infantil podem contribuir para os preconceitos e discriminações, fazendo um alerta para que os/as professores/as possam repensar suas práticas, e construir relações de respeito às diferenças e diversidades com as crianças desde a pequena infância.

No segundo capítulo, “As relações entre as crianças: as brincadeiras de meninos e meninas” abordo as relações entre as crianças nos momentos de convivência, tanto no espaço da Educação Infantil quanto em qualquer outro espaço, mas especificamente, nos momentos de brincadeiras. Trago aqui também a construção das identidades das crianças através da cultura, ressaltando momentos de transgressões de meninos e meninas frente às questões de gênero impostas pela sociedade.

No terceiro capítulo, “Metodologia da pesquisa”, caracterizei o tipo de pesquisa realizada na Escola de Educação Infantil, os sujeitos envolvidos na pesquisa e as técnicas utilizadas no trabalho de campo, como a observação e o Diário de Campo.

No quarto capítulo, “As relações de gênero na Educação Infantil em uma escola municipal” trago resultados e discussões sobre as relações de gênero de uma turma em específico, pesquisada em uma escola municipal de Educação Infantil.

Nas “Considerações finais”, apresento os problemas, questionamentos que continuam a nos desafiar e algumas reflexões necessárias para a prática do professor frente à construção das identidades de gênero, a uma educação que não aborde as diferenças transformando-as em desigualdades. Serão salientados os resultados da pesquisa, e pontuadas as possibilidades para uma educação não sexista.

## CAPÍTULO I

### 2 AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo abordo o conceito de gênero nas pesquisas educacionais, a partir de estudos realizados por autores que discutem o conceito de gênero na área da Educação. Além disso, nesse capítulo são discutidas as relações de gênero especificamente na Educação Infantil. Ou seja, como as relações de gênero acontecem entre as crianças no ambiente da Educação Infantil e como as professoras e demais profissionais influenciam e contribuem na construção das identidades de meninos e meninas.

A partir das ideias de alguns autores como: Guacira Louro (1997); Daniela Finco (2008, 2009, 2010) entre outros estudados, será também discutida, como as práticas do profissional da Educação Infantil podem contribuir, no sentido de reforçar e legitimar os preconceitos e discriminações, fazendo um alerta para que os/as professores/as possam repensar suas práticas. E construir relações de respeito às diferenças e diversidades com as crianças desde a pequena infância.

#### 2.1 O Conceito de Gênero e as Pesquisas Educacionais

Neste tópico, serão abordados os resultados de algumas pesquisas realizadas por autores que discutem sobre gênero na área educacional. Aqui é abordado conceito de gênero, e que gênero e sexualidade não são a mesma coisa. Os resultados das pesquisas mostram que as crianças desde bem pequenas são rotuladas quanto ao seu sexo, seja pelos brinquedos, cores e até pela maneira de se comportar.

Scott (1995, p.72) afirma que na gramática o termo gênero,

[...] é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que torna possíveis distinções ou agrupamentos separados. (SCOTT, 1995, p. 72).

A autora ainda aborda que o termo gênero já foi usado como sendo sinônimo de mulheres. E que gênero com o passar dos tempos tornou-se,

Uma forma de indicar as “contradições culturais” \_ a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1995, p.75).

Scott (1995) deixa claro que o gênero tem todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas isso não significa que o gênero seja determinado pelo sexo, e tão pouco que determine a sexualidade. Ainda divide a definição de gênero em duas partes e diversos subconjuntos, que estão relacionados, mas devem ser diferenciados. Segundo a autora, o núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de gênero” (SCOTT, 1995, p. 86).

Por essa perspectiva gênero é constituído por relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, que por sua vez, se constituem no interior das relações de poder.

Robert Connell (apud LOURO, 1997), afirma que, “no gênero, a prática social se dirige aos corpos” (p. 22). Ou seja, o conceito de gênero nesse caso se refere ao modo como as características sexuais são representadas valorizadas diante da sociedade, aquilo que se pensa ou se diz sobre elas é que constituirá o que é feminino ou masculino em um dado momento histórico.

Segundo Louro (1997), as relações de gênero são construídas no âmbito das relações sociais, desse modo o conceito de gênero passa a exigir que tenhamos que pensar de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Louro (1998) ainda ressalta que, “[...] as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem” (p. 23).

Louro (1997) faz uma observação importante onde ressalta que, “é importante que notemos que grande parte dos discursos sobre gênero de algum modo inclui ou englobam as questões de sexualidade” (p. 25).

Bernardes (apud MULLER, 2005), afirma que,

Identidade de gênero é constituída pelo núcleo da identidade propriamente dita. O primeiro significa a auto percepção consciente e inconsciente de pertencer a um dos gêneros (em geral com base no sexo). A identidade, propriamente dita, manifesta-se na crença, “sou feminina, sou masculino”, que se constrói a partir do núcleo (BERNARDES apud MULLER, 2005, p. 246).

A autora acima citada ainda aborda que é importante estabelecer algumas distinções entre gênero e sexualidade, ou entre identidades de gênero e identidades sexuais. As identidades sexuais dos sujeitos se constituem através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem

parceiros/as. “Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e constroem suas identidades de gênero” (LOURO, 1997, p. 26).

Louro (1997) deixa claro que, as identidades (sexuais e de gênero) estão inter-relacionadas, porém, não são a mesma coisa, e ressalta também que tanto na dinâmica do gênero quanto na da sexualidade, as identidades são sempre construídas, e não dadas e acabadas num determinado momento.

Não é possível fixar um momento - seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade - que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se construindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (LOURO, 1997, p. 27).

Duwem (apud CRUZ, 1998, p. 76) afirma que, “a força da categorização nas representações de gênero que circulam em volta da criança é tão forte que ela sempre vai aparecer como uma menina ou como um menino desenvolvendo identidades sociais específicas”. Em uma sociedade adultocêntrica, o olhar do adulto fica preso aos seus referenciais e acaba com isso negligenciando, muitas vezes, a perspectiva da criança.

Isto quer dizer que as temáticas infantis habitualmente são observadas e compreendidas a partir do prisma do adulto. Neste sentido, as manifestações da sexualidade infantil são observadas por uma ótica predominantemente genital e permeada por representações repressivas e moralistas” (CRUZ, 1998, p. 76).

Finco (2007) ressalta que, “as marcas do gênero vão sendo impressas nos corpos de meninos e meninas de acordo com as expectativas dos adultos, que fazem parte da forma como uma determinada sociedade concebe o que significa ser menino e ser menina” (p. 103).

Ou seja, desde o nascimento a criança é rotulada quanto o seu gênero, seja pelos seus brinquedos, uso de cores, ou pela forma de se comportar. A realidade em que vivemos e as relações que se desenvolvem, sutilmente influenciam na edificação da personalidade da criança.

Sayão (2006, p. 3) afirma que,

Diferentemente da identidade de gênero, os papéis de gênero são as formas de manifestação ou representação social de ser macho ou fêmea. Esses variam de uma cultura para outra e dentro de uma mesma cultura. No Brasil, encontramos uma rica diversidade cultural, e os papéis de homens e mulheres evidenciam isso, ou seja, há diferentes formas de ser mulher e ser homem em nossa sociedade, que se expressam, por exemplo, na dança, na música, no trabalho doméstico e extradoméstico, nos gestos, no meio rural e no meio urbano, no caso das crianças, nas brincadeiras, principalmente. (SAYÃO, 2006, p. 3).

Segundo Vianna e Finco (2009, p. 2) afirma que,



A desigualdade de gênero, ainda presente em nossa sociedade, afeta até mesmo as pesquisas sobre o desempenho e o desenvolvimento cognitivo de meninas e meninos. As afirmações biológicas sobre diferenças sociais nem sempre são cientificamente válidas, pois o conhecimento científico também é socialmente construído. (VIANNA; FINCO, 2009, p. 2).

Sendo assim, gênero remete então à transformação social, a significados que vão além do sexo biológico e dos corpos, ideias e valores nas áreas da organização social.

## 2.2 As Relações de Gênero na Educação Infantil

A Constituição Federal do Brasil de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 buscam garantir às crianças de 0 a 6 anos o direito de serem educadas em Creches e Pré-Escolas. A Educação Infantil marca sem sombra de dúvidas as primeiras experiências das crianças fora do seu lar.

Na Educação Infantil, meninos e meninas tem a oportunidade de conviver uns com os outros a maior parte do tempo, e por isso é um lugar onde deve haver o acolhimento, a segurança, o lugar para a emoção, para o gosto, o desenvolvimento da sensibilidade; não deixar de lado o desenvolvimento das habilidades sociais, nem o domínio do espaço e do corpo e das modalidades expressivas; deve privilegiar o lugar para a curiosidade, o desafio e a oportunidade para a investigação.

Faria (1999, p.70) ressalta que,

As instituições de educação infantil deverão ser espaços que garantam o imprevisto (e não a improvisação) e que possibilitarão o convívio das mais variadas diferenças, apontando para a arbitrariedade das regras (daí o jogo e a brincadeira serem tão importantes, iniciando o exercício da contradição, da provisoriedade e da necessidade de transformações). (FARIA, 1999, p.70).

Faria (1999, p. 75) aborda ainda que deve ser garantido a todas as crianças que:

[...] que as instituições de educação infantil possam verdadeiramente oportunizar (como dizem os italianos) ambiente de vida em contexto educativo, onde as crianças pequenas possam expressar nas mais diferentes intensidades suas cem linguagens, conviver com todas as diferenças (de gênero, de idade, de classe, de religiões, de etnias e culturas, etc), combatendo as desigualdades, exercitando a tolerância (e não o conformismo), a solidariedade, a cooperação e todos os comportamentos e valores de caráter coletivo, concomitantemente, com a construção da sua identidade e autonomia [...]. (FARIA, 1999, p.75).

A criança é capaz, através do brincar, do sonho e da fantasia de viver em um mundo que é apenas seu. Outro desafio que as crianças nos fazem enfrentar é o de perceber o quanto são diferentes e que esta diferença não deve ser desprezada nem levá-los a tratá-las como desiguais.

As leituras feitas sobre a temática aqui discutida mostra que meninos e meninas são influenciados pelos adultos a todo o momento, desde o nascimento, tanto em casa pela família, quanto no espaço da educação infantil, ou seja, na sociedade de um modo geral.

Finco (2010, p. 121) afirma que,

O direito a uma Educação Infantil de qualidade inclui a discussão das questões de gênero. As relações das crianças na Educação Infantil apresentam-se como uma das formas de introdução de meninos e meninas na vida social, principalmente porque oferecem a oportunidade de estar em contato com crianças oriundas de classes sociais, religiões, etnias, valores, comportamentos diversos, interagindo e participando nas construções sociais. (FINCO, 2010, p. 121).

Ou seja, a educação infantil é o primeiro lugar, depois do lar da família em que as crianças podem conviver com outras de diferentes classes sociais, religiões, etnias entre outros, e por isso deve ser um espaço aconchegante, harmonioso para que as crianças possam se sentir a vontade, e sejam respeitados pela maneira como cada um é como pessoa.

Finco, Silva e Drumond (2011, p. 63) ressaltam que,

A discussão das questões de gênero na educação infantil se traduz na possibilidade de uma educação mais igualitária, que respeite a criança na construção de sua identidade e que favoreça, desde as primeiras relações, a constituição de pessoas sem práticas sexistas. Porque o sexismo afeta o crescimento de meninas e meninos, inibindo muitas manifestações na infância e impedindo que se tornem seres completos. A forma como meninos e meninas estão sendo educados/as podem contribuir para se tornarem mais completos e/ou para limitar suas iniciativas e suas aspirações. (FINCO, SILVA; DRUMOND, 2011, p. 63).

Está claro que, desde bem pequenos meninos e meninas são ensinados de formas diferentes. As meninas, por exemplo, são ensinadas a serem bem comportadas, carinhosas, a brincarem com bonecas e a gostar da cor rosa; enquanto que os meninos são ensinados a serem fortes, a nunca chorar por qualquer coisa, a brincarem com carrinhos e a gostar da cor azul.

Finco (2007, p. 107) então aborda que, “prepara-se a menina, transformando-a em uma “mocinha bem-comportada”: passiva, dócil, que não deve gritar, agredir, reivindicar... já os meninos, definidos como “capetas”, são estimulados à agressividade e a atividades de maior movimento”.

Finco, Silva e Drumond (2011, p. 67) observam que, “a presença das questões de gênero nas práticas educativas e nas relações no cotidiano da escola infantil se caracterizam pelo controle, pela regulação e normatização dos corpos de meninas e meninos”. Ou seja, as educadoras da educação utilizam a diferença de sexo como critério para organização do tempo e espaços; como por exemplo, a organização das filas, atividades em grupos de meninas e

meninos, escolha de objetos para ambos os sexos, e até mesmo os comportamentos esperados pelas meninas e o meninos.

Finco, Silva e Drumond (2011, p. 70) ainda afirmam que,

A organização das atividades no dia a dia em dois grupos, meninas e meninos, acaba estabelecendo uma socialização distinta para o feminino e masculino. Aí é possível destacar em vasto conjunto de rotinas associado aos valores dicotomizados em dois mundos distintos, fazendo que percebamos as “duas infâncias distintas”. (FINCO, SILVA; DRUMOND, 2011, p. 70).

Segundo as autoras acima citadas, as relações baseadas nessa forma de organização tendem a separar meninos e meninas, criando assim, sentimentos de rivalidade e reproduzindo os estereótipos dominantes da sociedade.

Finco (2008, p.1) ressalta que,

Atrelar gênero e infância oferece pistas para uma outra formação docente que problematize a origem das desigualdades. Percebeu-se que é necessário discutir as teorias de gênero enquanto fundantes da análise das relações entre crianças e para a construção de práticas educativas atentas às diferenças e que combata a desigualdade. (FINCO, 2008, p.1).

Os (as) professores (as) e todos que trabalham no ambiente da educação infantil devem procurar meios de mostrar as crianças, desde o primeiro momento que independentemente do sexo, de como o outro age, se expressa, somos todos iguais e deve-se respeitar a todos sem distinção de sexo, cor, religião, etnia, entre outros. Pois Finco (2008, p. 2) afirma que:

É importante que os/as docentes que trabalham na educação infantil tenham consciência do potencial que o ambiente coletivo de educação tem para possibilitar a convivência entre a diversidade e repense desse modo, suas práticas educativas. A discussão das questões de gênero na educação infantil se traduz na possibilidade de uma educação mais igualitária, que respeite a criança na construção de sua identidade e que favoreça, desde as primeiras relações, a constituição de pessoas sem práticas sexistas=(FINCO, 2008, p.2).

A partir de autoras como Guacira Louro (1997), Daniela Finco (2008, 2009, 2010), Scott (1995), entre outras, pode se dizer que, no espaço da Educação Infantil, os educadores e todos os que trabalham no ambiente escolar, de uma forma ou de outra acabam influenciando e reproduzindo nas crianças o mesmo que os pais e a sociedade exigem e determinam como ser menino e menina. Com isso Finco (2008, p. 2) relata que,

Pesquisas apontam que a escola ainda naturaliza as diferenças entre meninos e meninas, denunciam que a visão predominante do que é ser menino e menina em nossa sociedade se reflete, muitas vezes, na função social assumida pela escola e nas relações escolares. Ainda nos dias de hoje, na educação de meninos e meninas, os gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornando-se parte de seus corpos, constituindo suas identidades.

A escola imprime marcas distintivas sobre os sujeitos, através de múltiplos e discretos mecanismos, escolarizam-se e distinguem-se os corpos as mentes. (FINCO, 2008, p.2).

Finco; Silva e Drumond (2011) destacam a importância, que as diferentes experiências vividas pelas crianças no ambiente da educação infantil, têm um grande potencial para possibilitar novas formas de relacionamento. Daí percebemos a importância das discussões sobre gênero nos cursos de formação de professores/as de educação infantil, na realização dos estágios, para que possa despertar nestes profissionais desde sua formação inicial a grande importância do seu papel diante dessa problemática.

Santos (2009, p. 6) afirma que,

Os espaços de educação infantil acabam reforçando habilidades distintas para meninos e meninas depositando nestes, expectativas quanto ao tipo de desempenho intelectual e postura considerada pelas convenções sociais “mais adequados” para cada sexo. Assim ambos os sexos recebem educação diferenciada, embora partilhando do mesmo espaço, lendo as mesmas literaturas, ouvindo as mesmas histórias e sendo acompanhadas pela mesma professora. Nesse sentido a diferença está na postura e no tipo de intervenção aparentemente imperceptível e “inocente” quando os educadores interagem com as crianças. (SANTOS, 2009, p. 6).

Os educadores e toda a sociedade devem procurar perceber e entender que, as crianças sofrem com a forma como são tratadas, com as proibições de coisas que são prazerosas para elas. Criança tem mais é que serem livres, pra brincar, pra se relacionarem com ambos os sexos, sem precisar diferenciar o que uma menina pode fazer e um menino não pode. Finco; Silva e Drumond (2011, p. 71) afirmam que, “a cor dos e uso de objetos, as coisas permitidas e as proibidas, o controle ou demonstração das emoções, informam sobre uma pedagogia que veicula atitudes, hábitos e estereótipos de comportamento que fomentam preconceitos e desigualdades de oportunidades entre meninos e meninas”.

Segundo os autores estudados, meninos e meninas muitas vezes contrariam os adultos, quando insistem em fazer algo que para o adulto não é adequado para o sexo da criança. Finco (2007, p. 115) relata que,

[...] ao contrariarem as expectativas dos adultos, meninas e meninos problematizam suas vidas, criam novas formas de relações, transgridem. A positividade das transgressões se traduz na forma como resistem aos padrões pré-estabelecidos, quando expressam seus desejos, recriam e inventam novas formas de brincar, novas formas de ser menino e de ser menina. (FINCO, 2007, p. 115).

Segundo Finco (2003, p. 95) é grande a frequência com que meninos e meninas, ao demonstrarem comportamentos não adequados para seu determinado sexo, causem preocupações e sejam motivos de incômodo e dúvidas para profissionais da educação infantil.

Na medida em que meninas e meninos transgridem o que é pré-determinado para cada sexo, mostram que a instituição de educação infantil pode apresentar mais uma característica positiva quanto às formas dessas relações: o ambiente da educação infantil pode ser um espaço propício para o não-sexismo. É importante que o profissional que trabalha na educação infantil de crianças pequenas tenha consciência deste potencial, para, desse modo, repensar sua prática educativa. (FINCO, 2003, p. 95).

Ao considerarmos que vivemos em contextos culturais e históricos em permanente transformação, podemos incluir aí também a ideia de que as crianças participam igualmente desta transformação e, neste processo, acabam também transformadas pelas experiências que vivem neste mundo extremamente dinâmico. Portanto, penso que é de extrema importância nos darmos conta de que as mudanças que ocorrem com as crianças, ao longo da infância, são muito importantes e que algumas delas jamais se repetirão.

## CAPÍTULO II

### 3 AS RELAÇÕES ENTRE AS CRIANÇAS: AS BRINCADEIRAS DE MENINOS E MENINAS

Neste capítulo abordo as relações entre as crianças nos momentos de convivência, tanto no espaço da Educação Infantil quanto em qualquer outro espaço, especificamente, nos momentos de brincadeiras. Além disso, resalto a importância das brincadeiras na vida das crianças, sendo analisada a partir das relações de gênero, para que os profissionais da Educação Infantil possam com isso refletir e mudar a forma de trabalhar com as crianças. Discuto também sobre a construção de culturas e construção de identidades das crianças, ressaltando também momentos de transgressões de meninos e meninas frente às questões de gênero impostas pela sociedade.

#### 3.1 As Relações Entre as Crianças

As crianças são ensinadas desde os primeiros anos de vida pelos pais, a serem meninos e serem meninas. Aprendem que os meninos são sempre fortes e que jogam bola, já as meninas são frágeis e brincam com bonecas. O autor Thierry Lenain vai desmistificando, através de uma narrativa, os comportamentos esperados de meninos e meninas.

Antes, para Max, tudo era muito simples. Primeira coisa: havia o pessoal Com-pipi. Segunda coisa: havia o pessoal Sem-pipi. Terceira coisa: o pessoal Com-pipi era mais forte do que o pessoal Sem-pipi. Lógico! Eles tinham pipi. Não é mesmo? Mas tudo isso foi antes... Porque um dia, na escola, Ceci vai para a turma de Max. - Esta é a Ceci! – diz a professora. No começo, Max não liga para Ceci. É um Sem-pipi! Ela que vá brincar de boneca ou desenhar florzinhas fofinhas. Rá! E alias está na hora da aula de desenho e Ceci desenha. – Você desenha muito bem! Exclama a professora, mostrando o desenho de Ceci. No papel, não tem florzinha fofinha nenhuma! O que tem é um mamute enorme! “Qual é a dessa garota?”, Max fica pensando. Nos dias e semanas seguintes, Max muitas vezes faz a mesma pergunta para si mesmo: “Qual é a dessa garota?”. Porque, além de desenhar mamutes, Ceci joga futebol. E tem uma bicicleta de garoto. Ceci não tem medo de subir nas árvores (e vai bem mais alto que Max). Nas lutas, Ela sempre vence. Vai ver que a Ceci tem alguma coisa que as outras meninas não têm, pensa Max. É, deve ser isso. Ceci é uma menina que tem pipi... Mas isso é trapça! Na mesma hora, Max resolve investigar... Por baixo da porta ele vê, por exemplo, que ela faz pipi sentada e não de pé. Bom, isso não prova nada! Qualquer um pode fazer pipi sentado. Depois, chega o verão. Ceci e Max se encontram num acampamento. Enquanto os pais deles armam as barracas, eles gritam: -- A gente vai nadar! Estão com tanta vontade de enfrentar as ondas que até esquecem de levar suas roupas de banho. Ceci tira a roupa. No começo, Max só vê o bumbum dela... Depois Ceci se vira. Max fica de queixo caído e olho arregalado.

Ele gagueja: - Você... você não tem pipi?! Espantada, Ceci olha para a parte de baixo de sua barriga. E diz: - Ué! Não, eu tenho perereca! E pluf, mergulha no mar. Desde aquele dia, o mundo não é mais o mesmo para Max. Antes, havia o pessoal Com-pipi e o pessoal Sem-pipi. Agora, tem os Com-pipi e as Com-perereca. Pois é... Não tem nada faltando nas meninas! (LENAIN, 1959, p. 5-29)

Percebe-se que a diferença entre os gêneros, neste livro, é representada pelo fato de ter ou não “pipi”, pois para o garoto Max, os meninos são considerados mais fortes, do que as meninas. Ao investigar e descobrir que não faltava nada em Ceci por ser uma menina Max supera sua visão inicial. Ele então descobre que não são as características biológicas que determinam o que uma pessoa pode ou não fazer, e que as características tidas como femininas ou masculinas estão existente em ambos.

As crianças devem ser ensinadas desde pequenas, que não é o sexo que deve determinar o que menino ou menina deve fazer quando crianças, pois as crianças devem mais é ser livres, para brincar do que quiserem, enquanto isso vai construindo suas identidades, suas culturas.

Finco (2010, p. 44) ressalta que,

Podemos afirmar que meninos e meninas são atores sociais porque sua própria existência modifica o entorno social e obriga a adotar medidas em relação a eles. Portanto, crianças têm uma participação social bilateral, afetam e são afetadas pela sociedade. As crianças são atores sociais nos mundos sociais de que participam. E a investigação sociológica com crianças deve focar suas condições de vida, atividades, relações, conhecimento e experiências; deve centrar-se nas experiências cotidianas das crianças, especialmente nas suas relações com outras crianças e com os adultos. (FINCO, 2010, p. 44).

É na convivência com outras crianças e com os adultos que elas criam relações, laços de amizade, respeito, companheirismo, confiança; aprendem a conviver com as diferenças, construindo saberes, reproduzindo, aprendendo uns com os outros, criando cultura e construindo sua própria identidade.

Finco (2010, p. 53) afirma que:

As culturas infantis podem, assim, ser vistas como construção coletiva que se faz através da ação social das crianças (*agency*) diante das estruturas sociais e institucionais em que estão inseridas. “É engajando-se ativamente nessas estruturas e no esforço de compreendê-las que as crianças criam formas específicas de ação, reproduzindo, contornando ou até transformando as estruturas existentes. (FINCO, 2010, p. 53).

Segundo Prado (1999), as brincadeiras revelam um espaço de cultura, como atividade característica tanto dos adultos quanto das crianças. As crianças se apropriam dos brinquedos às vezes de formas diversificadas, diferente da expectativa esperada pelos adultos. Com a relação existente entre as crianças e os adultos, que ensina, aprende e faz junto, as crianças

vão criando seu mundo de cultura, expressões culturais específicas de cada um, pois, adultos e crianças não são iguais e nem estabelecem relações como iguais.

Prado (1999, p. 115) ressalta que,

Reconhecer e assumir a criança como ser social que constrói e cria cultura não significa defender ou lutar pelo primado da criança em oposição ao do adulto. As relações que se estabelecem entre eles não se dão apenas como um jogo de espelhos ou reflexos alternantes. Como fatos sócio-culturais, as brincadeiras pressupõem uma aprendizagem social, pois aprende-se a brincar. (PRADO, 1999, p. 115).

Finco (2010) ressalta que a convivência com as diversas formas de ser e de relacionar-se é um ponto importante na Educação Infantil, pois nesse permite a riqueza de possibilidades de aprender com o outro e com o diferente. Finco (2010, p. 13) ainda afirma que, “[...] é por meio das brincadeiras que essas relações ganham potencialidade. A brincadeira possui uma qualidade social de trocas: descobrem-se significados e encontra-se lugar para a experimentação e para a transgressão”.

Podemos perceber com isso que, a cada dia mais as crianças transgridem as fronteiras impostas pelos adultos, o que muitas vezes deixa os adultos assustados. O fato de uma menina gostar de jogar bola, ou de um menino gostar de boneca, soa para a sociedade adulta como algo estranho, anormal.

Segundo Finco (2010) as crianças mostram que são capazes de ultrapassar as fronteiras e os preconceitos que acabam sofrendo. “Pois, além do prazer e da necessidade que a criança sente de brincar, a brincadeira contribui para sua formação como indivíduo crítico, autônomo e atuante” (FINCO 2010, p. 135).

Por isso, deve-se deixar com que a criança vivencie a brincadeira de forma livre e espontânea é de grande importância para a participação cultural, crítica e criativa. As crianças devem ser compreendidas e respeitadas, para que professores (as) e crianças, haja uma relação em que a criança seja o centro, e não uma relação adultocêntrica.

Santos e Souza (2010, p. 6) afirmam que,

Os brinquedos e brincadeiras, um dos principais meios de socialização entre meninas e meninos, que são fundamentais nesse espaço, também contém seus significados, tal momento deveria ser utilizado para estimular as crianças com sua criatividade e liberdade, porém, ele é igualmente manipulado pelas construções sociais. (SANTOS; Souza, 2010, p. 6)

A prova disso está, nos brinquedos que são oferecidos desde o nascimento, onde o primeiro brinquedo oferecido para a menina é uma boneca e o outro brinquedo que estimule a delicadeza, a fragilidade, sentimentos que são ditos femininos. Para o menino acontece a mesma coisa, pois são oferecidos carrinho ou qualquer outro brinquedo que reforce a



autonomia, agressividade, sentimentos ditos masculino. Todas essas práticas sexistas acabam por afastar meninos e meninas, de forma sutil e despercebida.

### **3.2 As Brincadeiras de Meninos e Meninas**

Está bem claro que desde ao nascerem, as crianças já são influenciadas pelos adultos quanto à questão do que pertence ao menino e a menina. Pois, desde à decoração do quarto da criança já começa a se notar à diferenciação quanto a cor, aos brinquedos que enfeitam o quarto, entre outros.

Bellotti (1983) ressalta que, “os diversos tipos de chupetas, chocalhos e pequenos objetos que servem para o bebê segurar ou para se pendurar sobre o berço respeitam a lei do róseo e do azul celeste” (p.72).

Segundo Finco (2007) os adultos influenciam as crianças nas formas de ser menino e menina até através dos brinquedos que são disponibilizados e que é permitido serem usados por meninos e meninas. “Os mecanismos de modelação estão presentes nos brinquedos e muitas vezes são meios implícitos utilizados para que as crianças aprendam de uma maneira muito prazerosa e mascarada, a se comportar como “verdadeiros” meninos e meninas” (FINCO 2007, p. 108).

Os brinquedos que são oferecidos às crianças, muitas vezes são carregados de uma simbologia muito forte, em que acabam determinando que o menino e menina possam brincar, e isso faz com que eles vivenciem situações de conflito, na constituição de suas identidades.

Finco, Silva e Drumond (2011, p. 77) relatam que:

Considerando a forma como os brinquedos são oferecidos e a força da simbologia que carregam, é possível considerar que tanto as meninas como os meninos vivenciam “situações de conflito” na constituição de suas identidades. Porque a construção das identidades de gênero envolve um processo permanente de acomodação e Resistência, que, mesmo quando toma a forma de recusa ou silêncio, é ativo. (FINCO, SILVA; DRUMOND, 2011, p. 77).

Belotti (1983, p. 82) afirma que,

Meninos e meninas diferem não apenas na escolha das brincadeiras e dos brinquedos, mas igualmente, como observa Bried, no “estilo lúdico”. Maior agressividade, esforço muscular, procura de uma ação intensa, no garoto; preponderância da agressividade verbal embora calma, estabilidade, “predileção pelos ritos e pelo cerimonial que mais tarde só irá considerar-se, uma submissão dócil e quase voluptuosa às coerções formais”, nas meninas. (BELOTTI, 1983, p. 82).

Segundo Finco, Silva e Drumond (2011, p. 75) a brincadeira ocupa um lugar importante no processo de construção das identidades de meninos e meninas e que, “[...] compreender o que as crianças pequenas sabem e aprendem acerca do gênero através das suas brincadeiras é tão importante quanto perceber os usos que dão a esse conhecimento no contexto das relações sociais de poder e de resistência em que se envolvem no grupo de pares”.

A realidade em que vivem e as relações que se desenvolvem, sutilmente influenciam na edificação da personalidade da criança. As brincadeiras também são formas de estimular a convivência de ambos os sexos, mas diversas vezes a sociedade impõe a divisão entre brincadeiras de meninos e meninas. Com isso, os professores da educação infantil, devem procurar meios de mostrar as crianças desde o primeiro momento no ambiente escolar que, independentemente do sexo, deve-se respeitar a todos sem distinção do sexo.

Finco; Silva e Drumond (2011, p. 76) a partir dos relatos registrados nos cadernos de campo de algumas estagiárias ressaltam que, “[...] as brincadeiras que enfeitam o corpo encantam as crianças, meninas e meninos. Porém, se as meninas podem fazê-las de forma “muito natural”, para os meninos esse desejo representa para as professoras motivo de atenção”.

Na verdade hoje em dia o que mais vemos são as crianças sendo repreendidas por estarem brincando com algum brinquedo “não específico” para seu sexo, e isso acontece praticamente o tempo todo, dentro da própria casa pelos pais, irmãos mais velhos, ou pessoas próximas, e isso também às vezes acontece no ambiente escolar.

Percebe-se num dos relatos registrados nos cadernos de campo citado por Finco, Silva e Drumond (2011, p.76) como uma professora da educação infantil reage ao ver um menino vestir uma fantasia dita não apropriada para seu sexo.

As crianças vão para o pátio onde a professora pega duas caixas de fantasias para eles brincarem. As asas de borboletas e as saias são disputadas pelas meninas e os meninos usam roupa de palhaço, menos um garoto, que veste asas e saia e sai correndo pelo pátio, a professora ao ver grita: “Menino, tira isso, se sua mãe ver, ela me mata!”. Todas as crianças dizem que é coisa de menina, mas ele nem liga e continuam voando pelo pátio. Ao contrário de todas as opiniões e comentários, o menino veste a saia e as asas e sai voando pelo pátio. (FINCO, SILVA, DRUMOND, 2011, p.76).

Os pais, a escola e a sociedade em geral, devem entender que as crianças podem e devem brincar livremente com qualquer tipo de brinquedo ou brincadeiras, pois um determinado brinquedo ou brincadeira que uma menina ou menino brinca não vai fazer com que deixe de ser menina ou menino. Temos que se conscientizar e quebrar esse tabu, deixar

com que nossas crianças possam ser felizes construindo suas identidades brincando livremente.

Finco, Silva e Drumond (2011, p. 77) abordam que,

Podemos perceber que a criança, ao brincar, não está somente fantasiando, mas trabalhando suas contradições, ambiguidades e valores sociais, pois é o outro quem me constitui sujeito, quem me mostra quem sou, pois é na relação com o diferente de mim que vou alicerçando e desconstruindo hipóteses e modelos. (FINCO; SILVA; DRUMOND, 2011, p. 77).

Finco (2003, p. 97) ressalta a partir da observação das brincadeiras feita em uma escola da educação infantil, que as crianças não diferenciavam os brinquedos como de menino e menina. Simplesmente brincavam com tudo tanto as meninas como os meninos: de bola, de boneca, de carrinho, de casinha entre outros. “[...] ao brincar com todos os brinquedos que desejavam, não deixavam que ideias, costumes e hábitos limitassem suas formas de conhecer e vivenciar o mundo, determinando o que deveriam ocupar”.

Segundo Sayão (2006, p. 5) “as brincadeiras livres em espaços externos ou internos são, realmente, oportunidades privilegiadas em que as crianças podem vivenciar experiências inovadoras, explorar o proibido, tecer hipóteses sobre as coisas e, paulatinamente, afirmar sua identidade através das interações com a cultura da sociedade”.

Finco (2010) aborda que, a criança no momento das brincadeiras está trabalhando suas contradições, suas ambiguidades e seus valores sociais, e que é na relação de uns com os outros que ela constitui sua identidade. Finco (2010, p. 129) ainda afirma que, “em nossa sociedade atual é difícil, por exemplo, continuar sustentando a importância de que um menino não brinque de boneca, pois, cada vez mais, o pai assume responsabilidades de cuidado com suas próprias crianças”.

As brincadeiras na Educação Infantil, segundo Finco (2010, p. 134),

Podem estar servindo, por meio de estratégias sutis, como um recurso para a reprodução de relações desiguais de gênero. A brincadeira não é vista simplesmente como um contexto no qual a interação ocorre, mas como um fenômeno que tanto produz como é produzido por relações de poder e gênero. (FINCO, 2010, p. 134).

É necessário que essa associação dos brinquedos e das brincadeiras a significados femininos e masculinos seja desconstruída, pois, enquanto isso não acontecer, meninos e meninas continuarão sendo ensinados e influenciados através das formas de brincar e dos brinquedos utilizados, a diferenciar, excluir, a ter preconceito uns com os outros.

Contudo, podemos perceber que é preciso que haja mudanças. Com os resultados de algumas pesquisas estudadas, foi possível observar o quanto profissionais que trabalham com

a Educação Infantil precisam estar atentos para as questões que estão relacionadas ao gênero, para que ao invés de contribuir para práticas sexistas, possam repensar suas práticas educativas, e a relação entre meninos e meninas.

## CAPÍTULO III

### 4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Essa pesquisa teve como proposta metodológica uma abordagem qualitativa, e foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil da cidade de Tocantínia-To, que visou observar e analisar como as relações de gênero estão sendo construídas nos momentos de brincadeiras entre meninos e meninas, no espaço educativo coletivo da Educação Infantil.

A pesquisa qualitativa possibilita utilizar, segundo Lima (2008, p. 28), “[...] instrumentos de coleta de dados estruturados e previamente testados (questionários, entrevista semi-estruturadas, formulários), capazes de imprimir elevada sistematização ao processo de coleta de dados”.

Bogdan e Biklen (apud LUNDKE e ANDRÉ, 2005, p.13) explicitam que a pesquisa qualitativa “[...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

Optei pela pesquisa de cunho etnográfico, visto que, o autor Corsaro (2005, p. 446) afirma que,

A etnografia é o método que os antropólogos mais empregam para estudar as culturas exóticas. Ela exige que os pesquisadores entrem e sejam aceitos na vida daqueles que estudam e dela participem. Neste sentido por assim dizer, a etnografia envolve “tornar-se nativo”. Estou convicto de que as crianças têm suas próprias culturas e sempre quis participar delas e documentá-las. Para tanto, precisava entrar na vida cotidiana das crianças – ser uma delas tanto quanto podia. (CORSARO, 2005, p. 446).

Filho (2011) ressalta que a etnografia contribui para estabelecer maneiras criativas de contato entre o pesquisador e os sujeitos investigados. O texto e o contexto são para o pesquisador ferramentas conceituais importantes, e a etnografia um importante recurso para a realização da leitura desse universo, e é nessa perspectiva que se insere a utilização da etnografia em pesquisas com crianças.

Sendo assim, foi utilizada como técnica de pesquisa a observação que segundo Severino (2007, p. 15), “é todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa”.

A observação foi realizada com o intuito de investigar como se dão as relações de gênero entre as crianças, e também entre as crianças e os adultos no cotidiano da escola de Educação Infantil pesquisada, com o foco principal nos momentos de brincadeiras.

As observações foram realizadas numa turma de pré II, que conta com trinta crianças, com idades entre quatro e cinco anos, sendo que 12 são meninos e 18 são meninas. Com as observações procurei conhecer o dia-a-dia das crianças no ambiente educacional; a organização das atividades, das brincadeiras e dos espaços utilizados; as relações entre as crianças, entre adultos e entre adultos e crianças. As idas a campo iniciaram em 15/6/2016 e foram até 28/6/2016, com a frequência de meio período todos os dias da semana, sendo às vezes alternados.

Sendo assim, utilizei do caderno de campo para registrar as observações, onde procurei documentar tudo que se passava entre as crianças e os adultos no ambiente da Educação Infantil. Com uma leitura atenta e cuidadosa foi possível analisar e compreender os dados coletados, utilizando, assim, o referencial teórico dessa pesquisa.

Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas, no intuito de melhor compreender o objeto de estudo e também para conhecermos os vários pontos de vista dos diferentes autores que retratam o tema aqui proposto.

Lima (2008, p. 48) afirma que, a “pesquisa bibliográfica é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de *informação escrita* orientada pelo objetivo de coletar materiais mais genéricos ou mais específicos a respeito de um tema” (grifo da autora). Severino (2007, p. 122), explicita que, “a *pesquisa bibliográfica* é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (grifo do autor).

Com isso foram estudados alguns autores como: Finco (2003, 2007, 2008, 2009 E 2010); Finco, Silva e Drumond (2011); Louro (1995); Cruz (1998); Muller (2005); Belotti (1983), entre outros que serviram de suporte para entendermos e refletirmos sobre a temática.

A Escola de Educação Infantil fica localizada no setor Vila Planalto, e é dividida em Creche e pré-escola. Nessa instituição, há crianças de várias idades, de um ano a cinco anos. Apesar de ficarem em turmas separadas, no momento de recreação elas brincam juntas sem diferenciar essa questão de idade. É um momento de interação de crianças de várias idades.

É uma escola grande, ampla, com bastantes salas. Logo ao entrar nos deparamos com um pequeno espaço onde as crianças ficam à espera dos seus responsáveis na hora da saída, junto com seus professores. Logo ao lado direito está a coordenação e a sala da diretora, e do lado esquerdo a sala dos professores e dois banheiros. Seguindo em frente temos um espaço bem grande coberto onde as crianças brincam, e também onde está localizado o refeitório. Logo ao lado direito do refeitório está a cantina, o depósito de alimentação e bem atrás a área de serviço. Ao lado do refeitório há uma pia acessível a todas as crianças.

A primeira sala à esquerda do pátio coberto é a biblioteca, nela há duas prateleiras em uma altura que não é acessível a todas as crianças, onde tem vários livros infantis. Nessa mesma sala funciona a videoteca. Ao lado está a brinquedoteca, porém não tive acesso a ela.

Em seguida tem um corredor que dá acesso a dois banheiros, um masculino e um feminino que são utilizados pelas crianças maiores que ficam apenas meio período. Ao lado está localizada a sala da turma do pré-I, e a turma pré –II. Mais adiante há uma sala, porém não está sendo utilizada para aula.

Continuando do lado direito, logo após a cantina, estão localizadas as salas das turmas da creche, que são quatro, com banheiros dentro das salas. Ao fundo das salas do lado de fora há um pequeno espaço coberto. As salas são espaçosas arejadas e ventiladas.

Voltando ao espaço onde se localiza o refeitório tem uma casinha de madeira, pintada de cor rosa, com espaço para as crianças brincarem. Elas entram na casinha para brincar. Há, também, ao lado da parede um cordão com livros infantis pendurados, à altura das crianças.

Há outro espaço aberto e amplo, porém não é coberto onde fica o parquinho. Uma parte do espaço é de piso e onde está o parquinho é de areia. Nesse espaço fica o balanço, o escorregador, o vai-vai, entre outros. No meio do parquinho está localizado um brinquedo feito com cimento de paredes altas em forma de círculo, há algumas entradas feitas em formas geométricas, e que dá acesso para as crianças entrarem e saírem.

No espaço feito de piso há um teatro de arena, onde as crianças costumam brincar.

A turma do pré II, onde realizei as observações, a sala é organizada da seguinte forma: as mesinhas das crianças estão organizadas em três grupos, e a mesa da professora fica ao lado da entrada da porta, de frente com as crianças. Na parede logo da entrada da sala tem uma prateleira onde ficam as caixas com brinquedos e materiais usados nas atividades. Na parede da frente está a lousa e abaixo estão coladas as letras do alfabeto com uma figura correspondente as iniciais de cada letra do alfabeto. Na parede do fundo estão os números de um a dez, pintados cada um de uma cor. Próximo à parede da sala tem uma cordinha onde são coladas as atividades de pinturas feitas pelas crianças.

Na sala há duas professoras, sendo uma delas professora assistente. As crianças são organizadas pelas professoras em grupo, meninas e meninos juntos. Algumas crianças são agitadas, desinibidas, gostam de conversar, brincar o tempo todo, outras são mais quietas, gostam de ficar na delas, aproveitam para passar o tempo cada uma do seu jeito.

Posso dizer desde já que, fazer pesquisas envolvendo crianças não é uma tarefa muito fácil. A autora Dermartini (2011, P.11) ressalta que:

A pesquisa sobre a infância e as diferentes crianças é talvez o desafio maior que se coloca aos pesquisadores mesmo os mais experientes: Como observar as vivências infantis, tão complexas, procurando captar não as representações e reconstruções científicas dos adultos sobre aquelas, mas o “olhar” das próprias crianças? (DERMARTINI, 2011, p.11).

Para que nós adultos, possamos conseguir aquilo que realmente vem da voz da criança, da atitude, necessitamos abrir mão de muito do que tradicionalmente afirmamos sobre as crianças. Pois, segundo Sarmiento e Pinto (apud FILHO, 2011 p. 84) nos mostram que:

O estudo das realidades da infância com base na própria criança é um campo de estudos emergentes, que precisa adotar um conjunto de orientações metodológicas cujo foco é a recolha da voz das crianças. Assim, além dos recursos técnicos, o pesquisador precisa ter uma postura de constante flexibilidade investigativa [...], a não projetar o seu olhar sobre as crianças colhendo delas apenas aquilo que é o reflexo dos seus próprios preconceitos e representações. (SARMENTO; PINTO apud FILHO, 2011 p. 84).

Assim, esse estudo se insere no propósito de realizar pesquisa não sobre as crianças, mas com as crianças, conforme aponta Corsaro (2005), guardando as devidas limitações de uma jovem e iniciante pesquisadora.

Por meio da observação, tornou-se possível acompanhar e registrar vivências e experiências relacionadas às questões de gênero vivenciadas no dia-a-dia na pré-escola entre as crianças, entre adultos e crianças e entre adulto e adulto.



## CAPÍTULO IV

### **5 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL**

Neste quarto e último capítulo, trago resultados e discussões sobre as relações de gênero de uma turma em específico, pesquisada em uma escola municipal de Educação Infantil. As observações foram realizadas numa turma de pré II, que conta com trinta crianças, com idades entre quatro e cinco anos.

Sendo assim, utilizei do Caderno de Campo para registrar os acontecimentos mais importantes, que possam contribuir para o presente trabalho.

Após a leitura e análise do conteúdo registrado no caderno de campo foram organizadas em quatro categorias de análise, são elas:

- As relações de gênero entre professoras e crianças;
- As relações de gênero entre as crianças;
- As relações de gênero nas brincadeiras infantis;
- E as relações de gênero na organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil.

Desse modo, esse capítulo foi organizado de modo a discutir cada uma dessas categorias, procurando compreender as relações de gênero no cotidiano de crianças e professoras de uma turma de Educação Infantil.

#### **5.1 As Relações de Gênero Entre Professoras e Crianças**

No dia 15 de junho deste mesmo ano dei início a minha pesquisa na escola de Educação Infantil. Fui para a sala de aula observar a professora e sua auxiliar juntamente com as crianças, não com o intuito de julgar, questionar, mas sim perceber como e se estão reforçando no ambiente da Educação Infantil uma sociedade que promove o respeito às diferenças ou reforça práticas discriminatórias.

Entrei em uma sala com 30 crianças me olhando com ar de curiosidade, e a professora e sua auxiliar meio desconfiada, talvez com receio de serem avaliadas. Havia dito à professora que iria observar as crianças e que o foco seria os momentos de brincadeiras, porém, intencionalmente não disse que esses momentos seriam analisados a partir das relações de gênero, pois tive receio que elas não agissem naturalmente e a vontade com as crianças.

Fui apresentada pela professora e as crianças ficaram um pouco tímidas com a minha presença. Após a apresentação, sentei-me ao fundo da sala, e logo uma menina veio até mim, perguntando o que eu estava escrevendo.

Passei então, a observar a sala, e pude ver que é uma sala ampla, arejada. As paredes cheias de cartazes coloridos. Na parede da frente estão as letras do alfabeto e na parede do fundo estão os números.

No centro da sala estão organizadas 30 mesas e cadeiras, divididas em três grupos em forma de círculos. Próximo à porta de entrada estão às mesas das professoras, e ao lado um balcão onde ficam os materiais escolares e duas caixas de brinquedos.

As crianças ocupam seus lugares de acordo com a ordem de chegada, e por isso, meninos e meninas fazem parte dos mesmos grupos sem nenhum problema.

Com o intuito de vivenciar as práticas dos adultos, busquei evidenciar dados que demonstrassem influência das professoras sob as crianças de modo a reforçar os modelos de femininos e masculinos presentes na sociedade.

No decorrer da observação procurei estar atenta à forma como a professora trabalhava com as crianças. Tive a oportunidade de vivenciar momentos de brincadeiras, além da rotina como: hora do café da manhã, chegada e saída das crianças na escola.

Foi possível verificar que a professora cria uma divisão nas brincadeiras das crianças, quando uma menina brincava com os meninos correndo pelo pátio, e logo a professora reclama: *senta menina, vai brincar com os outros brinquedos, você só fica correndo com os meninos o tempo todo* (Caderno de campo, 2016). Os outros brinquedos a que ela se referia eram as bonecas, nesse comentário, percebe-se que para a professora, brincar correndo não é brincadeira para as meninas.

Em outro momento constatei a mesma atitude da professora se repetir.

Uma menina brinca com duas bolinhas, diferente das outras que brincam com bonecas, ela brincava sozinha no canto da sala, mais logo a professora disse: vem pra cá brincar com as meninas de boneca. Ela se aproximou das outras, porém, não pegou em nenhuma boneca, apenas ficou observando. (CADERNO DE CAMPO, 2016).

Freire (2012, p. 7) ressalta que com essas atitudes,

A escola vai atribuindo ao corpo e ao gênero modos de ser menina e menino com brincadeiras diferenciadas, e as crianças, muitas vezes, acabam internalizando essas práticas que sobressaem no cotidiano escolar que se configuram de um determinado modo e não de outro. Essas aprendizagens em relação ao gênero, internalizadas na infância, vão se desdobrando nas relações estabelecidas pelas crianças durante suas vidas e ora são reproduzidas, ora elas são transformadas e recriadas num contínuo processo de reinvenção. (FREIRE, 2012, p. 7).

Pude perceber que praticamente em todos os momentos de brincadeiras entre as crianças, a professora sempre fazia um comentário discriminatório, principalmente quando as meninas resolviam brincar com os meninos, ou com brinquedos considerados inadequados para meninas, como essa situação que ocorreu no meu último dia de observação.

Era dia das crianças levarem os brinquedos de casa: “O dia do brinquedo”. Os meninos levaram carrinhos, bichinhos; e as meninas levaram bonecas, exceto uma, que nesse dia levou uma bola, e causou estranhamento à professora, que foi logo dizendo: *porque você não trouxe sua boneca, como suas coleguinhas?* A menina então respondeu: *porque hoje não quero brincar com boneca, eu quero é jogar bola.*

Bíscaro (2009, p. 84) afirma que são com atitudes como essa da professora que, “cotidianamente produzimos e reproduzimos a educação sexista quando pré-julgamos uma atitude ou um comportamento, seja do menino ou da menina, baseados somente em estereótipos; estamos assim legitimando a educação sexista”.

Não pretendo aqui julgar as atitudes da professora, pois todos nós, mesmo sem perceber, em algum momento também cometemos esse erro, pelo fato de que fomos desde cedo educados e educadas para sermos meninos e meninas, dentro desse contexto, Moreno (apud Bíscaro, 2009, p. 85) nos relata que,

Modelos de comportamentos atuam como organizadores da ação, e é esta característica de inconsciência que os torna mais dificilmente modificáveis. São transmitidos de geração a geração e século após século por meio da imitação de condutas e atitudes. (MORENO apud BÍSCARO, 2009, p. 85).

Outro fato interessante aconteceu na sala de vídeo, quando todas as crianças assistiam à um filme das princesas, os meninos não queriam assistir dizendo que o filme era de menina e não de menino, a professora apenas disse a eles que mesmo assim eles teriam que assistir. Em momento algum ela desmistificou essa ideia de que filmes de princesas são para meninas, pela resposta dela ficou claro que pensa e concorda com os meninos: filme de princesa é de meninas!

Finco (2007, p. 115) então ressalta que,

As práticas educativas, ao reproduzirem determinados comportamentos, estão determinando posições diferenciadas para meninos e meninas. É possível afirmar que a forma como as práticas educativas apresentam as brincadeiras e os brinquedos na Educação Infantil pode estar contribuindo para a construção de um modelo único de feminilidade e de masculinidade. (FINCO, 2007, p. 115).

Professores e professoras tem que ter o compromisso de olhar e ver, de ver e dar crédito, de acolher os novos sentidos que cada criança tem a possibilidade de construir. O

papel do (a) professor (a) deve ser antes de tudo, questionar, problematizar, interrogar e ser parceiro na construção desses outros modos de ser homem e ser mulher na sociedade e meninos e meninas na escola.

## 5.2 As Relações de Gênero Entre Meninos e Meninas

Durante a observação foi possível perceber que, alguns meninos e meninas brincam juntos sem nenhum problema, mas também há outros que preferem brincar separadamente, meninos pra um lado e meninas pro outro.

Entre as meninas, havia uma que raramente brincava com as outras, ela sempre brincava com um dos meninos, e não gostava de brincar com boneca, ela preferia brincar com os brinquedos que os meninos levavam. E na maioria das vezes a professora sempre chamava a atenção dela, para que se juntassem as meninas para brincar.

Uma menina pegou um carrinho de um colega para brincar, e brincou por um bom tempo, depois o colega pediu o carrinho de volta e ela pediu a ele que deixasse ela brincar mais um pouco, porém ele não aceitou e falou com a professora. A professora já foi logo chamando a atenção da menina, dizendo: *devolva já o carrinho dele, além do mais, isso não é brinquedo de menina, vai brincar com suas colegas.* (CADERNO DE CAMPO, 2016).

Com essa atitude da professora, podemos perceber que a escola, em vez de ser um ambiente que trabalha para excluir a discriminação com relação às atitudes e comportamentos desejados para os meninos e as meninas, realiza um trabalho oposto, onde a todo o momento reforça positivamente a educação sexista.

Bíscaro (2009, p. 95) afirma que, “é importante ressaltar que toda essa educação causa entre meninos e meninas uma constante rivalidade que se inicia desde a Educação Infantil e vai até a vida adulta, criando sempre situações de disputa entre o sexo feminino e o masculino”.

Analisando os resultados das observações, nota-se a oportunidade que faz com que meninos e meninas possam fazer amizade e construir culturas infantis. Pois segundo Finco; Silva e Drumond (2011, p. 74),

Esse espaço do coletivo propicia construção de amizades mais alargadas e oferece novas possibilidades para a construção das identidades, fazendo contato com diferentes crianças de diferentes idades, do sexo oposto ou de diferentes origens étnicas, s crianças ampliam seu grupo de amizades. (FINCO; SILVA; DRUMOND (2011, p. 74).

Observei em muitos momentos o laço de amizade entre meninos e meninas, eles brincavam, conversavam por horas, sem discussões, sem rivalidade, como se pra eles fossem todos iguais, e que ser do sexo oposto naquele momento não fizesse diferença.

Num certo momento percebi que as meninas não quiseram brincar com suas bonecas, às colocaram num cantinho e foram brincar na areia com alguns meninos. Depois de muito tempo brincando na areia, as meninas resolveram brincar com as bonecas, e um dos meninos brinca com elas. (CADERNO DE CAMPO, 2016).

Com isso constatei que, as crianças em muitos momentos não agem de acordo com o que é determinado pelos adultos, e parecem se divertir muito mais quando brincam livremente todos juntos, pois dava pra ver a tristeza no olhar das crianças quando meninos e meninas estavam brincando juntos e a professora separava, uns pra um lado e os outros pro outro.

Conforme afirma Finco; Silva e Drumond (2011),

As fronteiras do que é permitido e do que não é permitido para cada sexo não são considerados nos momentos de brincadeiras; ou seja, meninos e meninas mostram-nos que seus desejos e vontades vão além do que os adultos esperam deles; que possuem a capacidade de criar e recriar, de vivenciar situações inesperadas de formas inovadoras. (FINCO; SILVA; DRUMOND, 2011).

Os registros do caderno de campo apontam que as crianças mostram que, são capazes de ultrapassar as fronteiras e os preconceitos em relação à carga de estereótipos que as sobrecarrega.

Finco (2007, p. 108) afirma que, “apesar de toda bagagem de estereótipos, as crianças ainda encontram espaços para a transgressão: meninos e meninas reagem como podem e, sendo assim, algumas crianças resistem à pressão das expectativas”.

Um caso interessante aconteceu quando uma menina, que ao invés de levar uma boneca no dia do brinquedo, apareceu com uma bola. A professora estranhou e até tentou fazer com que ela deixasse a bola pra brincar com a boneca, mais ela não quis.

Uma menina de outra turma começou a brincar com ela, uma jogando a bola pra outra, e os meninos então foram se aproximando e também começaram a jogar bola com elas, e elas aceitaram numa boa. As outras meninas que brincavam de casinha ficaram só olhando e continuaram lá com suas bonecas. Um menino estranhou o fato de a colega ter levado a bola e disse: você tinha que ter trazido uma boneca, menino é que brinca com bola, e você é menina. Logo outro menino falou: minha irmã também tem uma bola, e ela gosta mais de jogar comigo que brincar de boneca. (CADERNO DE CAMPO, 2016).

Diante disso foi possível identificar que, algumas crianças agem e pensam diferente, quando se trata dessa questão de menino não poder brincar com uma boneca e a menina não poder brincar com bola.

Finco (2010, p. 132) ressalta que,

Meninos e meninas que transgridem as fronteiras de gênero causam estranhamento e são oprimidas, mais isso não se dá de forma passiva. Apesar de todas as formas de controle identificadas, o poder das professoras sobre meninas e meninos não é universal e unilateral. Meninas e meninos encontram brechas no gerenciamento do dia-a-dia da pré-escola e criam estratégias inteligentes para alcançar seus desejos. (FINCO, 2010, p. 132).

Portanto, as professoras da Educação Infantil, devem dar apoio as crianças que transgridem essas fronteiras impostas pelos adultos, ao invés de tentar reprimi-las, diante de algo que as fazem felizes.

Ao observar os momentos de brincadeiras, foi possível perceber que, algumas crianças já reproduzem o sexismo presente no mundo adulto em suas brincadeiras.

Finco (2003, 98) ressalta que,

Quando a professora não reflete sobre sua influência nas relações dos meninos e meninas, ela pode organizar a brincadeira de uma forma a favorecer o sexismo, a prática da professora pode fazer com que as crianças se organizem em grupos distintos de meninas e meninos, sem que haja uma ordem explícita para isso. (FINCO, 2003, p. 98).

Com isso, a professora deve organizar sua prática, deixando ao acesso das crianças, diversos tipos de brinquedos, para que elas experimentem e conheçam diferentes papéis, sem determinar comportamentos para meninos e meninas, favorecendo assim que não sejam determinados papéis específicos em função de seu sexo.

Pude perceber que, na maioria dos momentos de brincadeiras onde meninos e meninas brincavam juntos, eram as meninas que iam brincar com os meninos, e eles na maioria das vezes aceitavam sem reclamar, já quando os meninos se aproximavam de um grupo de meninas, a questão da aceitação dos meninos era bem diferente, dificilmente elas aceitavam a presença deles por perto.

Notei que as crianças só brincavam juntos, meninos e meninas, sem a professora chamar a atenção, no parque. Penso que nesse espaço as crianças tem autonomia para decidir sobre suas brincadeiras, ao contrário do que ocorre na sala, onde o controle e vigilância da professora são constantes.

Contudo posso dizer que, as crianças são bastante influenciadas pelas práticas sexistas das professoras, mais mesmo assim algumas, entre um momento e outro ultrapassa os limites imposto pelos adultos e transgridem essa ordem reprodutivista de papéis sociais pré-definidos.

### 5.3 As Relações de Gênero nas Brincadeiras Infantis

Pude perceber que na turma observada a professora às vezes decide com que as crianças devem brincar, e às vezes os brinquedos são os mesmos para todos, porém ela separa os brinquedos em dois montes, sendo assim as crianças acabam se dividindo para brincar.

Na maioria das vezes as crianças preferem brincar de outro tipo de brincadeira, como essa situação:

A professora dividiu os brinquedos de encaixe em dois lugares, porém, um grupo apenas de meninas preferiu ir brincar na casinha que fica no pátio, outro grupo formado por meninos e uma menina brinca de bola, e uma menina sozinha brinca com um carrinho que encontrou no meio dos brinquedos de encaixe. (CADERNO DE CAMPO, 2016).

Quando isso acontecia, a professora sempre chamava a atenção das crianças, principalmente quando via meninos e meninas brincando com algo que não é indicado para seu sexo.

É de fundamental importância que a professora, ao desenvolver uma brincadeira, tenha consciência de que essa brincadeira pode vir a influenciar na atitude da criança no seu cotidiano.

Pois, segundo Martins (apud BÍSCARO, 2009 p. 90),

A brincadeira influencia decisivamente o desenvolvimento global da criança. Ao brincar, ela aprende a ser e agir diante das coisas e das pessoas, pois é a partir das ações práticas realizadas que os processos externos se estruturam, orientando outras ações práticas, mais autônomas e complexas. Portanto, as brincadeiras infantis destacam-se no vasto campo social que circunscreve a vida da criança e que representa a base do desenvolvimento de todos os atributos e propriedades humanas. (MARTINS apud BÍSCARO, 2009, p. 90).

Mesmo com as professoras impondo regras, constatei que as crianças acabam achando brechas para brincar da forma que se sentem melhor. Nesse sentido, Finco (2007, p. 97) afirma que,

Felizmente, apesar de toda coerção, as crianças brincam em qualquer circunstância; sempre encontrando um jeito para se divertir: sozinhas ou em grupo, no trabalho ou nas brechas do gerenciamento do tempo na escola, transgredindo, muitas vezes, aquilo que os adultos tentam impor. (FINCO, 2007, p. 97).

Em vários momentos de brincadeiras, observei que a professora sempre chamava a atenção das meninas quando se juntavam com os meninos e brincavam correndo, agitadas como eles, jogando bola, e ela sempre repetia que elas deveriam brincar quietas, comportadas e com bonecas. Muitas vezes vi a professora elogiando as meninas, comparando com os meninos, dizendo: *nossa! Como esses meninos bagunçam, totalmente diferente das meninas*

*que estão brincando quietinhas no canto delas. Ou então quando uma menina não se comportava como as outras, ela dizia: porque você não sabe brincar como as outras, fica aí correndo feito menino?*

Finco (2007, p. 96) afirma que, “ao instituir tempo e lugar para as brincadeiras, a cultura escolar parece que procura garantir um tempo para a educação racional do corpo das crianças, aliado a uma parte recreativa, que funcionaria com iscas para atraí-las”.

As crianças tentam fazer negociações com trocas de brinquedos, como aconteceu com uma menina e um menino.

Havia no meio dos brinquedos um chapéu fantasia colorido e também um serrote. Um menino logo pegou o chapéu e colocou na cabeça, e uma menina pegou o serrote. A menina tentou trocar o brinquedo com o menino, porém ele não quis então ela ficou com o serrote e brincou sozinha, passando o serrote em um dos pilares, dizendo que era, “o homem do serrote”. (CADERNO DE CAMPO, 2016).

Mesmo com a troca dos brinquedos não tendo sucesso, os dois brincam e se divertem, até o momento em que a professora vê e acaba com a brincadeira da menina, e diz a ela pra ir brincar com brinquedos de encaixe.

Finco (2007, p. 109) ressalta que,

Ao olhar para o brinquedo, analisando-o como um artefato cultural, compreendido como um dispositivo que possa estar relacionado aos processos de construção de ideias, valores e comportamentos; ao compreender que os brinquedos veiculam representações produzindo “verdades”, buscando determinar formas de comportamento; ao examinar os brinquedos, enfocando como são constituídas as identidades de gênero na infância, é possível apontar como os adultos educam as crianças, marcando em seus corpos as diferenças entre meninos e meninas. (FINCO, 2007, p. 109).

Segundo a autora, os adultos ao escolherem os brinquedos das crianças desde bebês, fazem com que elas, ao começarem a fazer suas escolhas, recorram às mesmas escolhas dos pais, talvez não por gostar tanto do tipo de brinquedo, mais por acostumar com a ideia de que há brinquedos para meninos e para meninas, e que esses são diferentes.

Contudo, posso dizer que as professoras da escola de Educação Infantil pesquisada, influenciam ainda mais as crianças a continuar vivendo num mundo de preconceitos, onde meninos e meninas não podem brincar juntos, meninas não podem brincar com bolas, carrinhos e os meninos não podem brincar com boneca. Mais fiquei feliz em ver que mesmo com tantas proibições, quando elas querem, conseguem brincar da maneira que preferem que mais se sentem felizes e transgridem as barreiras impostas pelos pais e pelas professoras.



#### **5.4 As Relações de Gênero na Organização do Trabalho Pedagógico na Educação Infantil**

Quanto à organização da sala observada, a professora organiza as mesas e cadeiras das crianças em forma de círculo, ou seja, as crianças são divididas em grupos mistos, onde meninos e meninas ficam nos mesmos grupos.

Observei que não são as crianças que escolhem o lugar onde querem sentar, e sim a professora, pois a cada criança que chegava ela indicava o lugar onde deveria se sentar. Mas, mesmo sendo a professora a escolher os lugares, notei que as crianças se sentavam sem reclamar, pareciam até gostar.

Um dia, uma das últimas criança ao chegar chorou ao ver em que lugar deveria se sentar, então a professora a trocou de lugar com outra coleguinha de outro grupo. Notei que ela só trocava as crianças de lugar, quando elas às vezes conversavam muito umas com as outras, ela então mudava uma das crianças que estava conversando para outro grupo.

As professoras usam fila, para todos os momentos em que todas as crianças vão sair da sala, hora de ir ao banheiro, tomar água, lanche, ir ao parque. Porém, notei que a fila era uma só para todas as crianças, meninas e meninos juntos.

Às vezes, acontece de as crianças ficarem de “empurra-empurra” na fila, e os protagonistas dessa bagunça são sempre os meninos. As professoras pra manter a organização os tiram da fila, e só deixa sair depois que todos que estão na fila saem.

A instituição escolar manifesta a separação por sexo a partir dos banheiros, construídos em dois, um em frente do outro, destinados a meninos e meninas. As placas com desenhos de menino e menina, com fundo azul e rosa, explicitam a demarcação.

Na hora do lanche, meninos e meninas sentam nos lugares escolhidos por eles mesmos, meninos e meninas sentam um ao lado do outro, mas às vezes tem grupinhos de meninas e também de meninos.

No momento das brincadeiras, a professora até tenta separar meninos e meninas, porém a tentativa não tem muito sucesso, pois eles acabam se misturando e brincando juntos.

Finco (2007, p. 97) afirma que,

A organização do tempo e do espaço em escolas de Educação Infantil muitas vezes gira em torno das necessidades do adulto, criando assim um “espaço adultocêntrico”; através desse espaço, podemos perceber a influencia de nossa sociedade centrada no adulto. Nessa relação unívoca, o adulto desempenha o papel do emissor, aquele que ensina, e a criança, o papel de receptor, aquele que aprende. (FINCO, 2007, p. 97).

A rotina das crianças é bastante organizada, de uma forma que tem horas pra tudo, a distribuição das atividades segue um roteiro, e percebi que é o mesmo para todos os dias, exceto na sexta que foi escolhido para o dia do brinquedo, em que todas as crianças trazem os próprios brinquedos de casa.

Com isso, não pude deixar de notar que a professora leva ao pé da letra, quanto ao roteiro da distribuição das atividades, como uma forma de manter as crianças sentadas e quietas enquanto estão na sala.

Na hora da atividade, primeiro pede para eles escreverem seus nomes na atividade. Uns fazem rapidamente, outros tem dificuldade e demoram um pouco. Uma menina pergunta: *se eu terminar logo, posso brincar?* E ela responde: *vai continuar sentada e em silêncio.* (CADERNO DE CAMPO, 2016).

Segundo Finco, Silva e Drumond (2011, p. 68),

O uso diferenciado do tempo na educação infantil não é neutro. Sua organização e distribuição servem como um instrumento eficaz para definir lugares e comportamentos de meninas e meninos. O tempo na pré-escola possui dupla articulação: o “tempo instituição”, com a organização do dia a dia, o seu ritmo, a distribuição das atividades. (FINCO; SILVA; DRUMOND, 2011, p. 68).

Não pude deixar de notar a forma como a professora pune as crianças quando fazem algo que não é do agrado dela, ou quando não conseguem fazer a atividade no tempo previsto, e terminar junto com as outras crianças da turma.

Após terminarem de escrever o nome na atividade, a professora manda todos irem pra fila, apenas quatro meninos continuam sentados na sala terminando outra atividade. Ela libera as crianças que estão na fila pra brincar no pátio, e os outros continuam na sala pintando. E ela diz que só vão sair pra brincar depois que terminarem. (CADERNO DE CAMPO, 2016).

No momento em que os meninos pintavam o desenho, a professora entrou na sala e chamou a atenção de um deles, por estar pintando o desenho de uma menina de uma única cor, a professora ainda indicou a cor que deveria ser o vestido da menina, que no caso, deveria ser vermelho.

Finco, Silva e Drumond (2011, p. 71) ressaltam que,

[...] a cor e uso dos objetos, as coisas permitidas e as proibidas, o controle ou demonstração das emoções, informam sobre uma pedagogia que veicula atitudes, hábitos e estereótipos de comportamento que fomentam preconceitos e desigualdades de oportunidades entre meninos e meninas. (FINCO; SILVA; DRUMOND, 2011, p. 71).

Contudo, pode-se notar, que apesar da professora não utilizar o sexo como critério de organização das mesas na sala, das filas, percebe-se que em muitos outros momentos ela

acaba reforçando a ideia de separação entre meninos e meninas, principalmente nas brincadeiras.

Posso dizer que, todos os dias de observações foram de grandes descobertas e experiências, que vão com toda certeza mudar o meu modo de ver o mundo das crianças, o modo como elas agem, se divertem, brincam e vivem e espero que possa também, mudar o olhar de muitas outras pessoas que trabalham com crianças, pois elas merecem ser tratadas e educadas de uma forma que possam se tornar pessoas abertas às diferenças.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise das observações realizada na Escola Municipal de Educação Infantil, foi constatado que as crianças, são a todo momento cobradas quanto ao que é pré-determinado para cada sexo, as professoras reforçam o tempo todo que existem diferenças entre o que os meninos e as meninas podem fazer, os brinquedos com que podem brincar, as brincadeiras que são apropriadas para cada sexo, e constatei também que elas reforçam essa ideia como sendo algo natural.

Claro que, não posso aqui deixar de dizer, que em alguns momentos as professoras também mostra o contrário, que as crianças podem ficar juntas na mesma fila, e que podem fazer parte dos mesmos grupos, meninos e meninas juntos.

A Educação Infantil deveria ser o lugar da desconstrução dessas práticas sexistas, porém, constatei que na escola observada, essa desconstrução não está acontecendo, pelo contrário, as crianças estão sendo influenciadas e ensinadas de forma oculta, a serem preconceituosos, a serem rivais.

O momento em que mais foi constatada a prática desse tipo de atitude sexista, pelas professoras, foi exatamente nos momentos de brincadeiras. Mas mesmo com tantas cobranças, meninos e meninas burlam as estruturas propostas e criam estratégias, através de muitos mecanismos, para alcançar seus objetivos e desejos.

Como nos diz Finco (2010, p. 133),

Essas crianças mostram-nos que é possível fazer educação produzindo diferenças, mesmo que isso se constitua em um grande desafio, pois a estranheza é o primeiro sentimento que as crianças transgressoras provocam nas professoras. Tal estranheza deveria da exposição do que todos esperavam que se mantivesse oculto e restrito. A criança transgressora desafia as normas pressupostas e coloca-as em discussão. (FINCO, 2010, p. 133).

É necessário entender, que padrões de masculinidade e feminilidade concebidos pela nossa cultura, podem atrapalhar na construção de uma sociedade livre de preconceitos. As crianças são mais abertas a novas experiências, são menos preconceituosas, porém à medida que vão crescendo, aprendem esses padrões. Se ao menos, na escola esses padrões forem desconstruídos, podemos ter a oportunidade de termos no futuro, adultos mais abertos às diferenças e com respeito pelo outro.

É importante que todos que trabalham na Educação Infantil, tenham em sua formação, discussões que envolva as questões de gênero, para que possa despertar nestes profissionais,

ao longo da realização de cursos de formação inicial e continuada, a importância do seu papel diante dessa problemática.

Contudo, é preciso perceber a importância da construção da identidade das crianças, deixando com elas brinquem e se relacionem de forma livre, sem determinar o que as crianças, podem ou não. É importante que as professoras que trabalham na Educação Infantil, não reproduzam no ambiente educativo, o mesmo que a sociedade produz fora, ou mesmo no ambiente familiar. O papel da escola e da Educação Infantil deve ser desenvolver nas crianças a criatividade, a criticidade, levando em consideração todas as suas individualidades, inserindo-as em um movimento de descobertas, de construção e de interação. Contudo, a escola em vez de instituir, reforçar e legitimar a educação sexista pode problematizá-la e construir com as crianças desde pequenas o respeito à diversidade e as diferenças.

Esperamos que o resultado dessa pesquisa possa contribuir para que tanto os estudantes do curso de Pedagogia, quanto os profissionais atuantes na Educação Infantil, possam refletir e repensar suas práticas educativas quanto às questões de gênero, pois a forma como meninos e meninas estão sendo educados, pode contribuir para se tornarem mais completos e ou para limitar suas iniciativas e suas aspirações (FINCO, 2008).

## REFERENCIAS

- BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.
- BÍSCARO, Claudia Regina Renda. **A construção das identidades de gênero na educação infantil**. Campo Grande, 2009. 138 p. Disponível em: site. ucdb.br/public/md-dissertacoes/8069-a-construcao... Acesso em: 25 ago. 2016.
- CORSARO, Willian A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educ. Soc.** Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>
- CRUZ, Elisabete. Franco. Quem leva o nenê e a bolsa? O masculino na creche. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito. (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS, 1998, p. 235-258.
- DERMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Diferentes infâncias, diferentes questões para a pesquisa. In: FILHO, Altino José Martins; PRADO, Patrícia Dias [orgs.]. **Das pesquisas com crianças á complexidade da infância**. – Campinas, SP: Autores Associados, 2011. Pags. 11-26.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil. In. FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (orgs.). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. – Campinas, SP: Autores Associados.
- FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**. Campinas/SP: FE-UNICAMP v. 14, n.3 (42) – set./dez. 2003, p. 89-101.
- FINCO, Daniela. A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia G. de. **O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes**. São Paulo: Cortez, 2007.
- FINCO, Daniela. Brincadeiras, invenções e transgressões de gênero na educação infantil. **Revista Múltiplas Leituras**.v.3,n.1,p.119-134.jan. Jun. 2010. Disponível em: <[www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/view/1905/1908](http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/view/1905/1908)>. Acesso em: 25 ago. 2013.
- FINCO, Daniela. **Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero**. São Paulo. s/n, 2010.
- FINCO, Daniela. **Socialização de gênero na Educação Infantil**. Florianópolis, 2008. Disponível em: <[www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Daniela\\_Finco\\_10.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Daniela_Finco_10.pdf)>. Acesso em: 25 ago.2013.
- FINCO, Daniela; SILVA, Peterson Rigato da; DRUMOND, Viviane. Repensando as relações na educação infantil a partir da ótica de gênero. In: **culturas infantis em creches e pré-escolas: estágios e pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

FREIRE, Maria Angélica Menezes. As relações de gênero entre as crianças da educação infantil. **Anais do Seminário Nacional de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos**, 2012. Disponível em: [periodicos.ufes.br/gepss/article/download/3881/3096](http://periodicos.ufes.br/gepss/article/download/3881/3096). Acesso em: 25 ago. 2016.

LENAIN, Thierry. **Ceci tem pipi?**[tradução de Heloisa Jahn]. \_São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

LIMA, Manolita Correia. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. 2. Ed. rev. E atualizada, São Paulo: Saraiva, 2008.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. – Petrópolis, RJ. Uma perspectiva pós-estruturalista: Vozes, 1997.

MÜLLER, Rita de Cássia Flores. Gênero e sexualidade nos cadernos de pesquisa (FCC): de 1971 a 2004. In: GROSSI, Mirian Pillar (org.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p.239-266.

PRADO, Patrícia Dias. As crianças pequeninhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. **Pró-posições**- vol. 10, n° 1, 1999.

SANTOS, Vanusa Valério. Relações e representações de gênero na educação infantil. II SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS, CULTURAS, LEITURAS E REPRESENTAÇÕES. Curitiba, 2009. Disponível em: [docplayer.com.br/7879295-relações-e-representações-de](http://docplayer.com.br/7879295-relações-e-representações-de). Acesso em: 20 de ago. 2016.

SANTOS, Patrícia de Jesus; Souza, Edmacy Quirina. **Práticas sexistas na Educação Infantil: Uma questão de gênero**. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer. Goiânia-GO, vol. 6, n. 11, 2010. Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/enciclop/2010c/praticas%20sexistas.pdf>. Acesso em: 20 de ago. 2016.

SAYÃO, Deborah Thomé. A construção de Identidade e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da Educação Infantil. **Pensar a prática**.vol. 5, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/43/2689>. Acesso em: 20 de ago. 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul/dez. 1995, pp. 71-99.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**. 33, jul/dez. 2009.